

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Divinização [Divinization]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Zitzke, Ângela
Publisher	Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Escola Superior de Teologia
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-06-28 23:02:03
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/234853

Divinização: é possível ser Deus sem tomar o lugar de Deus?

Divinization: is it possible to be God without taking God's place?

Ângela Zitzke

Doutora em Teologia (Faculdades EST, São Leopoldo, Brasil)

Área de Concentração: Teologia Bíblica

Resumo

Sidérese, a centelha divina ou consciência humana, é entendida como uma capacidade moral de discernimento que permaneceu com o ser humano após sua queda. Incentiva a prática humana em fazer o que é bom, digno, elevado e condena o mal, como um hábito natural do ser humano, vivendo princípios concedidos por Deus, de forma justa e correta. Já o ato do ser humano consiste na prática constante do reconhecimento de que ele não é nada diante de Deus. Portanto, opta-se pela prática do que é bom, mas reconhece-se humildemente como pecador. Mediante graça divina, o ser humano é capacitado para despertar a sua centelha ou semente original e então ser um com Deus. Fica o questionamento se este impulso pode levá-lo de volta a Deus, enquanto conexão com algo mais elevado que si mesmo. Segundo a compreensão luterana de salvação por graça e fé, pretende-se entrar em diálogo com Duns Scotus e Tomás de Aquino e assim diferenciar iniciativa humana de atividade graciosa e divina.

Palavras-chave

Salvação por graça. Divinização. Intenção humana e divina.

Abstract

Sideresis, the divine spark or human consciousness is understood as a moral power of discernment which remained with the human being after his fall. Encourages the human practice of doing what is good, decent, high and condemns the evil, as a natural habit of the human being, living God-given principles, fairly and correctly. Furthermore the act of man consists in the constant practice of the recognition that he is nothing before God. Therefore, the option is to practice what is good, but recognizes himself humbly as a sinner. Through the grace of God the human is able to awaken their original seed or spark and then be one with God. The question is if this momentum can take him back to God, while a connection with something higher than himself. According to the Lutheran understanding of salvation by grace and faith, intends to enter into dialogue with Duns Scotus and Aquinas and so differentiate human initiative to graceful and divine activity.

Keywords

Salvation by grace. Divination. Divine and human intention.

Introdução

Em Agostinho, pode-se explicar o processo místico de união com Deus, atualmente pesquisado pelos teólogos finlandeses Tuomo Mannermaa e sua escola. A respeito do tema da divinização, este é tido como uma possibilidade real para o ser humano mediante a fé em Cristo, que faz do ser humano santificado um com Deus mediante a graça divina. Este Pai da Igreja soube entender o processo divinizatório e, mais que isso, viver para aplicar seu conhecimento na prática, tornando-se um ícone respeitável até o século presente tanto em termos de obra quanto de testemunho.

Pretende-se entender este gesto segundo proporcionado pela graça, mas também discernir o que é impulso humano e desejo por vanglória do que é consequência do amor gerado por Deus no coração humano. Apresentar-se-á um diálogo com Agostinho, Duns Scotus, Tomás de Aquino e Lutero para melhor compreender esta nova perspectiva da igreja luterana ortodoxa finlandesa, que propõe o tema da divinização como algo possível para a fé, pois foi mediado pela graça do próprio Deus.

O ideal humano está posto na sua capacidade de poder viver e sentir-se bem. Sua necessidade está constantemente movendo-o para buscar algo que o gratifique, realize, proporcionando desta maneira o equilíbrio entre as experiências boas e ruins da vida. Sua luta consiste em sobreviver, realizar-se e finalmente viver de forma tranquila, agradável e estável. Na sua experiência religiosa constata-se que esta capacidade de persistir e continuar a caminhada de fé com atenção para o que é mal e dedicação para o que é bom fará do ser humano um ser de entrega, um ser de coração sensível e de profunda fé. No entanto, mais que uma simples luta por crescer na vida adulta e religiosa, cabe ao ser humano reconhecer que é de Deus que provém o seu sustento e a sua salvação. Nada do que fizer será aceito se não for movido por fé e recebido graças à misericórdia divina.

Sidérese em Agostinho: como o Pai da Igreja explica o ato de fazer o bem

Em Agostinho, é possível afirmar que existe um ponto de conexão entre o ser humano e Deus e que este ponto representa a imagem de Deus no próprio ser humano. Essa afirmação é algo apresentado como possibilidade dentro do cristianismo já no século IV através do bispo e Pai da Igreja Agostinho de Hipona (354-430). A centelha divina ou semente original não pode ser compreendida como uma iniciativa humana de reconhecer Deus em si mesmo e passar a atuar como se fosse Deus sem reconhecer primeiro que é o próprio Deus quem toma a atitude de revelar-se nele. Possuir uma identidade com Deus, ter o reconhecimento de Deus em si mesmo e de estar dentro de Deus representa um estado de êxtase, de entrega profunda, não antes conseguido sem muita fé e superação da maldade que a humanidade carrega em seu *ontos*.

Filósofos patrísticos e escolásticos procuraram responder o que é o ser, quem é o ser humano, o que fazer para viver o bem e afastar o mal, como se dá este conjunto de experiências que se sucedem no indivíduo comumente nomeado como *vida*? Para Agostinho, é possível acessar a condição primordial da criatura racional, i. é, sua consciência divina, através da sua ligação com Deus. “Sua ligação com Deus se faz mediante uma luz interior, sem mediação de criaturas. [...] Tem o espírito humano contato com o tríplice reino de valores: superiores, iguais e inferiores. O valor dos valores é Deus, com quem tem ligação originária e primordial”.¹

A Verdade consiste na busca por si próprio; este homem interior ilumina-se ao encontrar-se com o sumo e espiritual desejo, que está acima da sensação/sentimentos ou da razão/intelecto; seria o encontro da alma com o próprio Deus. A trindade consiste para Agostinho na tríade *ser, conhecer e amar*. “Não é indagando o mundo, mas escavando a alma que se encontra Deus”.² A alma consiste neste reflexo humano da trindade e sua unidade, tornando-se Deus na própria pessoa. O acesso à alma, portanto, permite o acesso à Verdade, que é o princípio de todas as coisas criadas e não criadas, i. é, Deus. Enquanto Sumo ser, Deus cria, enquanto Suma verdade, Deus *ilumina*, enquanto Sumo amor, Deus *beneficia*. A **criação** existe das Ideias que estão na mente de Deus e destas provém as razões seminais, inseridas no plano criado para, pouco a pouco, desenvolverem-se. A **iluminação** se dá através da manifestação de Deus através de sua Verdade às mentes e às almas capacitadas ou abertas, preparadas e predispostas para acolhê-la. O **amor** é essencial, assim como na Trindade, no ser humano também. “O amor perfeito é o doador, que tem em Cristo (o Deus feito homem) o vértice supremo”.³

O amor a si mesmo (*cupiditas*) representa a soberba e leva ao desprezo de Deus (cidade dos homens); já o amor a Deus (*charitas*) consiste na realização de todo bem, gerando o desprezo pelo egoísmo (cidade celeste). A cidade divina é daqueles que vivem segundo Deus, tendo, portanto, um amor voltado para a prática de uma vontade que vai além da sua realização humana. O ser humano só é livre para fazer o mal, ao usar de sua liberdade para realizar vontades humanas, reconhece que apenas pela graça pode ser salvo de si mesmo e seus ideais egoístas. “O mal nasce da vontade má que, em vez de tender ao Sumo Bem, tende a bens inferiores”.⁴

Na cidade dos homens, quem vence é o dominador, na cidade celeste, o peregrino. Seria aquele que se reconhece vencido pelo pecado, que se encontra liberto do poder do mal, e que, crendo na graça que o salva, consegue com humildade trilhar os passos do Mestre Jesus, na unidade com seu Criador. Não agride nem fere, recebe apenas o que é bom, pois semeia bondade em seus caminhos. “Nas vicissitudes do homem e do mundo, a

¹ SANTO AGOSTINHO. *A verdadeira religião*. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 200.

² REALE, G.; ANTISERI, D. *História da filosofia: patrística e escolástica*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 90. v. 2.

³ REALE; ANTISERI, 2003, p. 101.

⁴ REALE; ANTISERI, 2003, p. 87.

categoria predominante e absoluta [...] [é] a do amor: a *ordo amoris* é o principal critério de referência; a consistência ontológica e moral do homem depende do grau e do peso de seu amor”.⁵

Para chegar neste estado de iluminação, é preciso elevar a alma e só então poder entrar em contato com o conhecimento das Ideias. Seria o estado de purificação e da assimilação do que é divino “como condição de acesso ao Verdadeiro, que fora desenvolvido, sobretudo pelos platônicos, mas que em Agostinho recebe as valências evangélicas da boa vontade e da pureza de coração. *A pureza da alma torna-se condição necessária para a visão da Verdade, bem como para sua fruição.* [...] Alcançando a Verdade o homem também alcança a Deus”.⁶

Esta Verdade está dentro do ser humano, no homem interior (imagem de Deus e da trindade), que ao transcender-se, encontra sua centelha divina, sua origem, a capacidade de fazer o bem e, assim, ilumina-se mediante a grandeza da entrega de sua fé. O estado de iluminação reconhece Deus como a fonte de toda Verdade, transformando o ser humano para que seja participante de seu ser e, assim como na criação, fazendo dele igualmente participante da Verdade. As Ideias têm papel determinante no ato criador, pois são tidas como pensamentos de Deus; são sementes produzidas por Deus, ou melhor, “razões seminais” que tem o tempo certo para gerar tudo que for inerente à natureza divina.

O ideal em Agostinho seria de todo ser humano poder chegar a *fruir* Deus (*frui Deo*), i. é, encontrando no amor uma forma de “preencher o vazio do seu espírito, para por fim à inquietude do seu coração, para ser feliz. Contrariamente ao que pensava Plotino, só há verdadeira felicidade na outra vida, não sendo possível nesta. Todavia, mesmo nesta terra podemos ter uma pálida imagem daquela felicidade”.⁷ Seu êxtase foi alcançado em Óstia, juntamente com sua mãe ao contemplar Deus. “Ser, Verdade, Bem (e Amor) são os atributos essenciais de Deus para Agostinho”.⁸

O encontro com Deus representa receber de Deus este momento, mas para tanto é preciso ser humilde, poder fazer o bem com naturalidade, estar acima do prazer em fazer o mal; viver o êxtase é encontrar a paz e então passar a viver naturalmente os princípios concedidos por Deus, de forma justa e correta, sem deixar de ser igualmente humano e pecador. “Conhecer a luz interior e superior da Verdade, aderir com docilidade e amor a ela, é o ato decisivo da vocação humana”.⁹ O ato do ser humano para receber o contato com a sua origem divina consiste na prática do constante reconhecimento de que ele não é nada diante de Deus. Esta seria a explicação para a atividade divina que é graciosa em

⁵ REALE; ANTISERI, 2003, p. 87.

⁶ REALE; ANTISERI, 2003, p. 91.

⁷ REALE; ANTISERI, 2003, p. 92.

⁸ REALE; ANTISERI, 2003, p. 92.

⁹ SANTO AGOSTINHO. *A verdadeira religião*. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 201.

oferecer a transformação e conduzir o ser humano ao despertar de outros sentimentos que não sejam os da sua constante sensação de sofrimento e condenação, competição e vantagem, tristeza e conformismo. “O amor de Deus é a norma suprema da vida. E a contemplação amorosa de Deus, em si ou no próximo é a meta última de nossa existência”.¹⁰

“A universalidade e a pureza do motivo do amor cristão ao próximo é, de muito, superior a qualquer obrigação racional. Santo Agostinho apela aqui para os homens serem amados por serem o que são: imagens de Deus, graças a sua alma racional”.¹¹ Aquela pessoa que desperta para a prática do amor é a que recebe de Deus sua graça justificadora e possui em si o dom de igualmente agraciar com amor o mundo ao seu redor. “Amar a si mesmo e aos homens não segundo o juízo dos homens, mas segundo o juízo de Deus, significa amar do modo justo. [...] A consciência do homem é dada pelo peso do seu amor, assim como pelo seu amor determina-se o seu destino terreno e ultraterreno. Nessa perspectiva, pode-se compreender muito bem a exortação conclusiva de Agostinho: *ama, et fac quod vis* (“ame e faça o que quiser”)”.¹²

Mediante graça divina, o ser humano é capacitado pela sua entrega e vivência de fé para despertar a sua centelha divina ou semente original e então ser um com Deus. “Sua ligação com Deus se faz mediante uma luz interior, sem mediação de criaturas. [...] Tem o espírito humano contato com o tríplice reino de valores: superiores, iguais e inferiores. O valor dos valores é Deus, com quem tem ligação originária e primordial”.¹³

Somente Ele pode agraciar a humanidade com esta conexão com algo mais elevado que si mesma, pois é dele que provém a iniciativa. O ato de reconhecer ou conectar-se com a centelha divina existente no próprio ser humano e receber esta dádiva pede uma caminhada de eterna entrega do ego nas mãos de Deus, onde nada mais exista de personalidade em si. Este momento representa o ato de saída de si mesmo para a entrada no que é chamado “um estado de humildade completa”, representa um estado de conexão contínua com o amor divino, em unidade plena com o Criador, bem como, com tudo que traz paz e aquieta coração e mente. Sidérese é a unidade com Deus; é a iluminação para Agostinho.

E a nós, então, que nos convém fazer em relação a Deus? Como estender o seu amor, cujo gozo consiste na felicidade; de quem todos que o amam recebem o próprio ser e o favor de o amar; por quem não receamos vir a desagradar a quem quer que o tenha conhecido. [...] Mas devemos querer

¹⁰ SANTO AGOSTINHO, 1987, p. 190.

¹¹ SANTO AGOSTINHO, 1987, p. 191.

¹² REALE; ANTISERI, 2003, p. 100.

¹³ SANTO AGOSTINHO, 1987, p. 200.

acima de tudo que todos amem a Deus conosco, e que toda ajuda que lhes dermos ou que deles recebermos seja orientada para essa única finalidade.¹⁴

Sidérese em Duns Scotus: o ato de fazer o bem enquanto vontade racional

Interpretar sidérese como algo que parte da iniciativa humana e que está nele enquanto condição pessoal em fazer o bem, um grande erro seria cometido. Entender a sidérese como algo nato e próprio seria o mesmo que utilizar uma ideologia para realçar uma posição de superioridade, de totalidade e de soberania sobre os seus atos e grupo. Muitos imperadores e representantes religiosos já aproveitaram-se da condição de poder posta em seu nome para afirmar que eram divinos e, portanto, fizeram-se deuses. Ao compreender-se como deus na terra, surge uma série de manipulações, próprias de cada líder e sua necessidade na época, para conseguir da mente do coletivo humano o privilégio da coesão, i. é, da unidade de pensamento. Está-se falando da idolatria de culto voltada unicamente em nome do líder – seria um exemplo os Imperadores Romanos do primeiro século, de Augusto (27 a.C-14 d.C) a Tito (79-81 d.C) –, tendo como objetivo único a unidade e centralização das forças de uma nação.

O pecado original está intimamente relacionado com o egoísmo, a arrogância e com a vaidade própria, i. é, o não reconhecimento de que Deus é superior, maior e que a ele pertence o poder. O ideal humano precisa de um objeto e este cria uma imagem de Deus conveniente com suas necessidades. A busca humana por Deus e a forma como o compreende é diferente daquilo que realmente é, bem como, da forma como Ele se projeta sobre a matéria do planeta e sobre a consciência do ser humano. Deus revela-se das mais diferentes e específicas formas para aquele que nele crê ou para o coletivo que o idolatra, materializado por cada cultura de uma forma diferente. Da mesma maneira, o amor desinteressado na busca pela luz de Deus representa “uma tentativa de excluir o egoísmo da religião, ao menos na forma de um interesse próprio”.¹⁵

Para o escolástico Duns Scotus (João Duns Escoto 1266-1308), a distinção entre pensamento teológico e pensamento filosófico deveria ser esclarecida. A filosofia pensa de forma lógica e natural, a teologia move-se pela crença do sobrenatural. A primeira trata dos conceitos, abstrações, deduções e reduções, já a segunda trata dos objetos da fé e de seus conceitos persuasivos segundo a crença em Deus e, portanto, está limitada pelos mesmos (a teologia falha pela ausência de conceitos demonstrativos). Para ele, a realidade de Deus é infinita, já a do ser humano finita, portanto possível de ser estudada. Perde-se o

¹⁴ SANTO AGOSTINHO. *A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã*. São Paulo: Paulus, 2002. p. 67.

¹⁵ WATSON, Philip S. *Deixa Deus ser Deus: uma interpretação da teologia de Martinho Lutero*. Canoas: ULBRA, 2005. p. 77.

rigor ao tentar misturar estas duas grandezas. Posiciona-se contra os agostinianos que tentam “sufocar” a filosofia com a teologia, bem como, contra os tomistas que, a qualquer custo, tentam conciliar razão e fé.

Scotus defende a superioridade do intelecto ao afirmar que este foi feito para entender “tudo que existe, material e espiritual, particular e universal: não há nada que lhe seja interdito. Com seu pensamento o homem pode abarcar o universo”.¹⁶ Através da abstração o ser humano pode alcançar o inteligível. A ciência trabalha para o estudo da filosofia; a teologia trabalha para a compreensão da salvação.

O fato do mundo existir é verdadeiro, pois mesmo que desaparecesse, já existiu. Para ele, um ente primeiro, i. é Deus, também é possível, pois nenhum outro ente estaria em condições de produzi-lo. Para Scotus, Deus é infinito, pois é supremo e ilimitado. À semelhança de Agostinho, “Escoto descobre que só o ser infinito é o Ser no sentido pleno da palavra, porque é fundamento de todos os entes e, antes ainda, de sua possibilidade”.¹⁷ O ser humano provém de Deus, o universal e o particular coincidem, entretanto, o ser humano não é determinação do universal. Para Scotus, o ser humano é supremo e original, mas graças à mediação de Cristo pode dialogar - e está, inclusive, destinado a isso - com o Deus uno e trino da escritura.

Sua noção de bem está salvaguardada pela transcendência e centralidade de Deus. Para Scotus, o bem representa aquilo que Deus quer e impõe. “O que vale para Deus vale, nas devidas proporções, também para o homem, razão pela qual o mal é derivado da vontade do homem e distinto do intelecto”.¹⁸ Para ele, o mal é pecado, mas não um erro. Poderiam ser permitidas muitas coisas tidas como ilícitas se o legislador as ordenasse (furto, homicídio e adultério), no entanto, o intelecto reconhece a veracidade dos preceitos da segunda tábua, bem como, reconhece a vontade legisladora de Deus como reta.

A vontade humana impera sobre o intelecto, pois o orienta em seu relativismo absoluto para a direção que a força-guia da vontade o conduzir. O ato da vontade é iluminado pelo intelecto, mas esta será sempre autodeterminada. Daí se entende o quão importante para Scotus é a necessidade de defender o intelecto, que ilumina a vontade e faz do ser humano um conhecedor. Só quem conhece pode *amar em liberdade*.

Através do conhecimento, Scotus encontrou um caminho para reconhecer que é melhor viver segundo a bondade, mesmo que seu intelecto não reprovasse a maldade. Apenas conhecendo (ou transgredindo) o ser humano pode entender que prefere a prática do bem. Ainda assim pode optar pelo mal, pois o ato de tomar os remédios que levam à vida não é necessário, mas livre. “Se os tomo, o ato livre será também racional, no sentido

¹⁶ REALE; ANTISERI, 2003, p. 281.

¹⁷ REALE; ANTISERI, 2003, p. 282.

¹⁸ REALE; ANTISERI, 2003, p. 285.

de que alcanço a meta com os meios que a ciência põe à minha disposição".¹⁹ Portanto, a liberdade da vontade é a *perfeição suprema* do ser humano através da qual ele opta por subsistir ou decair em sua humanidade.

Sua racionalização leva ao reconhecimento de que, através da experiência, o ser humano reconhece Deus como a origem de tudo e que a bondade por ele legislada precisa ser reconhecida, do contrário ele encontra a morte. O conhecimento leva ao encontro com o bem, a querer o bem para si e assim chegar ao amor próprio. Depois de ter amado um bem inferior, o ser humano pode muito bem aprender a amar um bem maior, pois "quanto maior o bem tanto mais amável é. E o maior e mais amável bem, com certeza, é Deus".²⁰ Sua preocupação é a de defender até as últimas consequências a transcendência de um Deus infinito.

Duns Scotus e a visão de Lutero

Se para o filósofo, a *vontade* é o que conduz para o bem ou permite a prática mais acertada, para Lutero a vontade é o que conduz para a impossibilidade de praticar o bem desejado. Lutero condena o raciocínio lógico de que o reconhecimento de um bem menor pode levar ao amor a um bem maior e assim chegar em Deus, pois este amor estará sempre interessado. Para ele, um amor que foi despertado pelo valor de um objeto nunca será realmente desinteressado. O pensamento de Scotus quer expressar que acima de Deus não existe poder maior, pois ninguém está em grau de produzi-lo. Para Lutero, mesmo que o ser humano reconheça o que é bom e queria fazer o bem, este seria o segundo passo no pensamento de Scotus, pois ele não consegue praticar por sua própria vontade o que é bom.

Portanto, "Lutero se opõe particularmente a Duns Scotus e às suas alegações de que o homem pode amar a Deus mais do que a qualquer outra coisa a partir do seu próprio poder natural".²¹ Em Lutero, se sabe que o amor não pode ser medido como um poder, pois este não quer nada para si e quem ama não pensa mais em se aproveitar de bens inferiores, pois a gratificação do amor acaba com todo interesse. Já Scotus pretende chegar ao amor a Deus através de seu pensamento racional apenas para amar a si mesmo acima de todas as coisas. Desta maneira, Lutero argumenta em seu "Comentário sobre Gálatas" (1535) que Scotus pensa apenas em cumprir o primeiro mandamento a partir de seu próprio poder natural, portanto a idolatria sobre si permanece.

¹⁹ REALE; ANTISERI, 2003, p. 286.

²⁰ WATSON, 2005, p. 78.

²¹ FORREL, George W. *Fé ativa no amor*. São Leopoldo: Concórdia/Sinodal, 1977. p. 44.

Scotus conseguiu perceber através da razão que bens maiores são aqueles que trazem qualidade ao ser sem gerar aniquilação ou dor depois de serem usufruídos, pois são dádivas; são bens perceptíveis e tidos como “maior” porque estão acima da capacidade humana de conceder alívio, perdão e regeneração. Portanto, o poder jamais será galgado através da disputa, mas antes, vem de um ser que aprendeu a respeitar o outro e não a medir forças. Quem ama é forte porque respeita e quer o bem. “A alegação de Duns Scotus, de que o homem que ama o bem menor deve ser capaz de amar o bem maior ainda mais, é para Lutero a ilustração perfeita da esterilidade do método escolástico”.²²

Mesmo que se insista na liberdade e habilidade do homem natural, à semelhança de Scotus, permanece a autoconfiança, que sempre o fará pensar que pode ter mais orgulho que os demais, seja por obras feitas ou por dons naturais, o que causa nova queda por conta de sua vanglória e prepotência. Querer igualar-se a Deus sem ter reconhecimento do mal que há em si só deixará mais claro o quanto este ser é humano. Fazer uso desta maldade para ascender em poder é o mesmo que colocar-se a disposição do diabo, que só o levará para a perdição de si e do contato com aqueles que ainda se importam com ele; até a própria vida deixa de ter valor quando se está cegado pela maldade e pela ilusão da força sobre a piedade.

A graça adaptada e subordinada a um esquema legal de mérito e recompensa só levará o ser humano a acreditar que fazendo algo bom poderá garantir sua salvação. “Scotus, como é de conhecimento geral, dá grande importância à ideia de predestinação”,²³ onde o ser humano e Deus são entes, o primeiro no modo finito e o outro infinito (a pessoa é um todo no todo e não uma parte do todo).

Segundo pensamento de Lutero, o uso da razão para entender Deus é o mesmo que prostituir a teologia, pois desta maneira “a dedução lógica toma o lugar da vida, e o resultado é a compreensão completamente errada da situação humana. Este é o tipo de sistema que Lutero não pode tolerar”.²⁴ A fé vira motivo de piada e a bondade sinônimo de fraqueza. Este estado de consciência leva ao afastamento do convívio social e perdição de algo que o conecte à vida novamente, tudo pois permitiu que sua maldade atuasse através do desejo do ego sem retornar à humildade e ao reconhecimento de que só se tem poder quem sabe administrá-lo através do amor.

Para Lutero, o homem não pode determinar como Deus deve agir, pois voltou-o completamente aos seus interesses e possui muita dificuldade em deixá-lo ser simplesmente quem ele é, naturalmente Deus, fluindo com seu querer pelo Espírito Santo

²² FORREL, 1977, p. 45.

²³ WATSON, 2005, p. 80.

²⁴ FORREL, 1977, p. 45.

através da fé. “Não há fé que não esteja relacionada com a experiência”.²⁵ Esta fé precisa ser ativa, através do amor, gerado em forma de gratidão naquele que crê.

A bondade de Deus, ao tornar-se uma realidade perceptível para a vida do ser humano, passa a transformar a sua realidade. Ao cativar o ser humano, seu interesse por poder muda; a diferenciação entre bem inferior e bem maior deixa de ser feita para reconhecer a prática da bondade movida pela fé como o bem mais precioso que brota do centro do coração. Esta bondade divina o eleva a um estado superior ao que vivenciava antes, de cobrança e dívida, para um estado de misericórdia e piedade. Suas forças não o elevam a um estado de conexão com Deus, mas antes, é na fé que seus esforços desesperados cessam para que a entrega tome a conduta adequada de seu comportamento. No entanto, a fé quer conduzir o ser humano para o desapego de si e o real encontro com o divino e, nesta luta, o ego humano desespera-se por recuperar suas forças e afirmar sua suficiência através do pouco que já aprendeu com sua própria experiência religiosa.

As realizações espirituais e morais do ser humano não podem ofuscar o gesto de amor que se entrega, bem como, deste lugar abnegado de compaixão dentro dele que faz dele um ser igual aos demais, pois cada ser na sua essência é único e jamais poderá ser imitado na sua forma de contribuir para o crescimento da raça humana através de um gesto de entrega para o Deus que lhe concede poder através da fé. Esta fé o capacita a encontrar-se consigo mesmo e realizar sua missão, fazendo com que a vida tenha sentido, pois a vida consiste nesta constante entrega de si para Deus, de si (fortalecido e animado por Deus) para o próximo.

Pode-se concluir que a moralidade humana não pode reger a sua busca por Deus, do contrário, o moralismo é que estabelecerá seu relacionamento religioso. Esta iniciativa estará sempre baseada em si mesmo, bem como, em seus ideais, pois sua noção de qualidade de vida estará sempre voltada para o que é melhor ao indivíduo em detrimento do coletivo. O egocentrismo na religião faz com que o humano procure Deus para que tenha seus próprios interesses, desejos e necessidades supridos. “Eu ofereço a minha dádiva a fim de ganhar o divino favor e obter assim o que desejo do poder divino. [...] Procuo a Deus a fim de buscar meus próprios interesses”.²⁶ Desta maneira, Deus sempre será concebido como uma resposta para problemas e necessidades humanas ou será utilizado para manipular as consciências mais ingênuas.

²⁵ LOEWENICH, Walther von. *A Teologia da Cruz de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 1988. p. 94.

²⁶ WATSON, 2005, p. 55-6.

Sidérese em Tomás de Aquino: o hábito de fazer o bem

Para Tomás de Aquino (1221-1274), o ser humano deve fazer o bem e evitar o mal (lei natural), pois o bem é aquilo que conserva a integridade do ser humano, já o mal consiste na destruição de si mesmo. Uma lei que vá contra a lei natural não é humana nem justa, portanto consiste num dever rebelar-se contra o tirano enquanto agente do mal. “Acima destas leis está a lei divina – que foi revelada no Evangelho – e que está ligada ao fim sobrenatural do homem, ou seja, à bem-aventurança eterna”.²⁷

Para Aquino, os atos virtuosos são aqueles necessários para o bem comum. “A exemplo de Agostinho, também para Tomás ‘não parece que possa haver lei se ela for justa’. Se uma lei positiva estivesse em desacordo com a lei natural, então ela ‘não seria mais uma lei, mas uma corrupção da lei’”.²⁸ Contra os tiranos (líderes unidos para atuarem através da força, pois a força que atua para o mal é mais eficaz e mais danosa quando está unida) é importante tomar cuidado para que, mesmo sendo lícita a rebelião, esta não cause para os súditos males piores e maiores do que os de viver na condição da ordem proposta pela tirania.

O intelecto só pode reconhecer o bem e o mal de coisas e ações que não são Deus, portanto a vontade é livre para querê-las ou não (*ratio causa libertatis*). O livre-arbítrio (*libero arbitrio*) para ele, assim como para Agostinho, é a raiz de todo mal, concebido como a ausência do bem. O ser humano que se deixa guiar por ele é como uma flecha sem fim definido, sendo induzida livremente para um lugar qualquer, destinada ao erro do seu alvo.

Sidérese, para Aquino, seria o *habitus* natural do ser humano, que o leva a fazer boas ações. Assim como possui o *habitus* natural para captar os princípios do conhecimento, pode reconhecer que, pela ordem das coisas, no cume se encontra Deus como *Bem supremo*. Através da sidérese pode-se fazer o bem, pois o ser humano já compreendeu os princípios que inspiram para o bem e o guiam para agir. “Mas compreender ainda não significa agir. E o homem, justamente porque é livre, peca quando se afasta deliberadamente e infringe as leis universais que a razão lhe dá a conhecer e a lei de Deus lhe revela”.²⁹

“Tomás de Aquino caracteriza a sidérese como ‘hábito’, ao passo que a consciência, ou seja, a aplicação ao individual, como ‘ato’”.³⁰ Isso diferencia a ação humana da ação divina. Fazer o bem apenas por um momento (ato) é diferente do que agir de forma benéfica como uma ação cotidiana (hábito). Este dom de fazer o bem de forma constante, respeitosa e em equilíbrio com a natureza não vem do esforço humano apenas, mas é dom de Deus, como uma capacitação divina para um ser que se entregou através da

²⁷ REALE; ANTISERI, 2003, p. 227.

²⁸ REALE; ANTISERI, 2003, p. 228.

²⁹ REALE; ANTISERI, 2003, p. 228.

³⁰ LOEWENICH, 1988, p. 46.

fé. Assim, pode-se dizer, à semelhança de Tomás de Aquino, que o amor e a fé são obras através das quais o esforço humano alcança a comunhão com Deus.

Tomás de Aquino e Lutero: como Lutero interpreta esta proposta de fazer o bem

Lutero vai afirmar que sem o reconhecimento do pecado, a graça de Deus não serve de nada; é desperdiçada como pérola aos porcos (ou a obediência ao tirano) que, de tão cegos, não percebem o valor da mesma; não percebem que, desumanizados, se fizeram carne ao invés de luz que dissipa as trevas; usaram do pior exemplo, à semelhança da sobra que existe em si ao invés de mostrar como a fé pode por a maldade e todas as suas legiões para correr.

O uso da razão para tentar chegar a Deus é algo limitado na visão de Lutero, pois este é o conhecimento que somente a revelação divina pode conceder aquele que crê. “A razão podia, em considerando o criado, elevar-se até o criador, mas não conhecer o Deus salvador”.³¹ Tentar chegar até o criador através dos objetos criados é o mesmo que negar o verdadeiro Deus, que está ao lado daqueles que se reconhecem humildes o suficiente para perceber em Jesus Cristo e sua cruz o verdadeiro sentido da vida solidária com os desprezados deste mundo. Pois o verdadeiro Deus se encontra “embaixo”, com aqueles que se sabem pecadores e nem melhores do que ninguém por isso. A presunção da justificação por obras foi duramente condenada por Lutero.

Mesmo que Lutero tenha aceitado o conhecimento natural de Deus, este não pode ser elaborado a partir do “fruto da especulação do ser humano, mas sim de uma presença e atividade contínua de Deus na vida humana”.³² Mesmo que Aquino tenha reconhecido a lei de Deus, sua lei natural o levou à via da justificação pelas obras. Apenas a fé que confia e se entrega é capaz de trilhar o verdadeiro caminho que leva ao conhecimento de Deus nas relações com ele através de seu amor. Nada além do amor divino pode ensinar mais a fé humana do que o exemplo do próprio Cristo que se entrega. “O próprio do amor de Deus é criar, doar àquele que nada merece, tornar digno o indigno. [...] O amor de Deus não se dá automaticamente, mas que é, pelo contrário, o refúgio ao qual o ser humano deve acorrer”.³³

Lutero afirma que a ênfase não se encontra em um amor humano (ou no amor do humano a si mesmo que justifica suas obras como boas, por se reconhecer a si mesmo como bom, pleno e completo), mas antes o próprio amor de Deus em Cristo como o centro que move o ser humano aberto a este agir transformador. O ser humano precisa

³¹ LIENHARD, Marc. *Martim Lutero: tempo, vida, mensagem*. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 284.

³² LIENHARD, 1998, p. 284.

³³ LIENHARD, 1998, p. 286.

reconhecer-se apenas como um canal usado pelo Espírito do próprio Deus (vaso nas mãos do oleiro). O amor de Cristo consiste justamente no objeto da fé que facilita este trabalho voltado para o próximo.

A fé que se concretiza na experiência é amor. [...] Onde houver fé pessoal, legítima, necessariamente haverá experiência. [...] Não existe fé genuína que se depare constantemente com um nada [...] i. é, ela exige concretização. E assim ela entra na área da experiência [desinteressada].³⁴

“Nosso amor [humano], diz ele [Aquino], é suscitado pela bondade, real ou imaginária, do seu objeto, enquanto o amor de Deus infunde e cria a bondade nas coisas”.³⁵ Para Lutero, o amor de Deus não acha seu objeto, alvo de seu amor, mas o cria, está continuamente transformando. Isso se dá, pois “o amor de Deus, residindo no homem, ama os pecadores, os maus, os tolos, os fracos a fim de torná-los justos, bons sábios e fortes e assim ele continua fluindo e concede o bem”.³⁶ Aquino assume, como Aristóteles, que todo amor se resume no amor próprio e este preferirá sempre receber mais do que oferecer a bondade que habita igualmente dentro de si. O ser humano faz o bem apenas para receber um bem pessoal e o retorno do bem comum, como uma barganha de gestos amorosos, sempre interessados com a troca mais satisfatória. São os princípios que guiam-no a fazer o bem, pois sua lógica assim constata ser o melhor a fazer. Amor incondicional é algo que está além da sua capacidade, pois não recebe nem espera *nada* em troca.

A graça acolhe, perdoa e regenera, dignificando novamente quem reconhecer através do contato com a humildade que errou. O amor não pode ser tido apenas como atividade ou ativismo. É preciso que o ser humano reconheça que não é nada para só então perceber o quanto sua fé atua através dele. O ponto de vista jamais poderá voltar-se a um modelo antropocêntrico de divinização, pois, do contrário, cairá em legalismo e desespero e tudo que foi feito com a desculpa de que era bondade e amor o movendo não passou de uma tentativa por vanglória.

O ato generoso em compartilhar o bem é exclusivo da ação divina em ter compaixão e, assim sendo, só perdoa ou ajuda quem aprendeu com Deus o que é ser perdoado e ajudado. A preocupação natural do ser humano consiste em “encontrar um bem que ele mesmo possa desfrutar. É, portanto, provocado pelas qualidades desejáveis de seu objeto. [...] O natural amor humano é um amor centralizado em si mesmo. É Eros, na linguagem da filosofia clássica”.³⁷ Já o amor divino é revelado através da entrega de

³⁴ LOEWENICH, 1988, p. 91.

³⁵ WATSON, 2005, p. 84.

³⁶ WATSON, 2005, p. 84.

³⁷ WATSON, 2005, p. 85.

Cristo, que veio para os pecadores e não para aqueles que se compreendem justos. “É o amor *crucis*, o Ágape divino, que não procura o seu próprio bem”.³⁸

Aquino jamais vai repudiar o amor próprio do ser humano, já Lutero considera o amor divino e o humano completamente opostos, como luz e trevas, pois procura o que lhe é próprio e só pensa em realizar seu próprio bem. O amor humano é egoísta ao ponto de cobrar de volta o que fez em favor de seu objeto amado, pois sente necessidade de retribuição. Quando Deus está no lugar central da fé humana, quanto mais se faz, mais retorna, sem cobranças, tão somente por gratidão. E quanto mais se faz, mais se é beneficiado, querendo novamente retribuir fazendo o bem, por amor e com generosidade. Assim sendo, o amor de Deus está expresso, foi entregue ao mundo, e tudo o que o ser humano faz, bem como, toda bondade praticada retornam a Ele e não à pessoa que fez o bem. Sua onisciência representa o próprio cosmos se expandindo e recriando, aos moldes do próprio Mestre Jesus, que a tudo transformou quando veio a terra ensinar o amor de forma experimental, prática e profundamente entregue.

Lutero e Sidérese

Com relação à sidérese, se entendida como prática de bondade ou capacidade nata para fazer o bem, Lutero vai discordar deste princípio. Ao afirmar que mesmo abominando a condenação, o ser humano não consegue ser salvo apenas por tentar fazer ou saber o que é certo e errado. A inclinação para o bem entra em conflito com os interesses do ser humano caído, que carrega em seus ombros o peso do próprio egoísmo e maldade. Por mais que queira e saiba o que é justo, pratica injustiça; por maior que seja a sua vontade e lhe acuse a consciência, o ser humano inclina-se para o mal tanto quanto para o bem, pois pode optar em fazer uso de seu livre arbítrio.³⁹ Pode-se concluir, portanto, que o esforço humano é falho, mesmo que bem intencionado na sua busca pela *prática do bem*. Sem o auxílio da graça, não haveria elevação ou evolução no processo de santificação da pessoa.

“A fé, por sua vez, não pretende antecipar-se à ação de Deus. [...] Por isso a fé, a qual também aqui é mais uma vez definida segundo Hb 11.1, é uma arte elevada”.⁴⁰ O relacionamento religioso do ser humano com Deus deixa constantemente estas marcas de egocentrismo e teocentrismo, que se alternam na medida em que o ser humano busca a realização de uma vontade própria. Isso vale para a pessoa que se compreende cristã e participa de um envolvimento religioso que a estimula a permitir que a graça divina

³⁸ WATSON, 2005, p. 86.

³⁹ LOEWENICH, 1988, p. 46-50.

⁴⁰ LOEWENICH, 1988, p. 84.

conduza sua vida. No entanto, percebe-se a mesma dificuldade humana de entrega neste processo.

“A oração, por exemplo, pode ser simplesmente o meio pelo qual procuro obter benefícios para mim que, sob outros aspectos, estão fora do meu alcance”.⁴¹ A arte elevada consiste, portanto em perceber que acima de sua humanidade existe um Deus que continuamente está provando que é maior na medida em que trata o ser humano com bondade, humildade e um perdão que estão muito acima da sua própria capacidade de amar. Reconhecer que acima de si existe quem é maior tira do altar o “ego que se fez deus” e volta para si mesmo a condição de perceber o próprio Deus atuando através de si, em direção ao outro, como um ser santificado pela misericórdia divina. O cristão pode ser um pequeno Cristo, um exemplo de entrega abnegada, mas apenas porque aprendeu o que é a fé que o move a viver um amor entregue e ativo, e que se reconhece humildemente falho e humano.

Não há lugar para o mínimo grau de auto-afirmação ou interesse próprio na presença de Deus. Aqui, o homem deve contentar-se em receber as dádivas imerecidas que Deus lhe quer outorgar e em obedecer, sem visar alguma recompensa, aos mandamentos que Deus se apraz em dar-lhe. Em outras palavras, ele deve realmente permitir que Deus seja Deus, o centro ao redor do qual toda a sua existência se move. Essa ênfase teocêntrica pode ser descrita como o motivo fundamental do pensamento total de Lutero.⁴²

O ponto de conexão do divino no ser humano consiste na prática do constante reconhecimento de que ele não é nada diante de Deus. Quando consegue abrir mão de desejos próprios, transforma sua oração de pedidos em uma oração de intercessão e esta passa a se transformar em atitude diante do próximo, esta pessoa tirou o Deus idólatra gerado por seu ego da estante do seu coração para experimentar o pulsar de um novo coração que se compadece e que se importa com o outro.

Deus é movimento, é ação divina que abençoa indistintamente e abrir-se para esta dinâmica é conectar, pela fé, com algo que vai um pouco além do que as próprias necessidades básicas do ser humano. Quando o coletivo passa a ser importante, tanto ou mais que o indivíduo, este ser aprendeu a abrir-se para uma experiência que foi além de si mesmo, abençoando e gerando perdão para um coletivo primitivo que muito pode aprender com seu gesto de entrega perdoadora (à semelhança da missão de Jesus), e o levou para um ato mais próximo do que é o desejo divino de encontro com a humanidade; uma humanidade cada vez mais aperfeiçoada na arte de ter compaixão.

Uma “fé” que depende de minha compreensão da bondade de Deus nos moldes de minha situação de prosperidade ou de minha paz de coração e

⁴¹ WATSON, 2005, p. 57.

⁴² WATSON, 2005, p. 59.

mente, simplesmente não é fé em Deus. Ao mesmo tempo deve ser salientado que Lutero, de forma alguma, deseja rebaixar a 'experiência' e o sentimento religioso. [...] Só que a fé religiosa não se baseia sobre a experiência religiosa, mas, antes, a experiência religiosa emana da fé.⁴³

Lutero e a nova perspectiva da Divinização (*theosis*)

A doutrina da divinização (*theosis*) vai afirmar que na justificação pela fé o ser do cristão é unido ao ser de Deus através da vivência do amor, mas, acima de tudo, pela fé no Cristo que venceu o pecado.⁴⁴ Lutero vai afirmar que, diferente da teologia escolástica, onde o pecado está atrelado à natureza humana, a igreja em Cristo é santa e justa, pois vive a ação divina mediante a fé. Mesmo vendo seus seguidores devotos e piedosos caindo e pecando, fracos na fé ou atribulados, ainda assim Cristo é seu reconciliador e expiador; a morte não tem mais domínio sobre ele (Rm 6.9). Quem está nele possui o perdão e a justificação. Ao olhar apenas para as pessoas que vão à igreja, esta nunca será santa; ao focar este mesmo olhar em Cristo, a igreja é santa, pois ele carregou os pecados de todo mundo. Onde há fé, não há mais pecado, pois a *participação na essência de Deus* é real. "Cristo não é apenas o favor (*favor*) de Deus, isto é, o perdão, mas também, de uma forma real, um 'presente' (*donum*)".⁴⁵

Cristo, como um favor, representa a remoção da ira, o perdão em si; já entendê-lo como um presente representa contatar com a entrega de todo este amor doador, generoso e incondicional. O crente passa a ser também um participante desta natureza divina ao viver o amor livre de toda lei, pois Cristo habita nele em toda a sua plenitude, feito por Deus o seu mais precioso santuário. Lutero afirma em seu "Comentário sobre Gálatas" (1535) que o amor de Deus não pode estar limitado apenas a remover a ação da ira divina sobre seus filhos, mas deve também ser recebido e acolhido, usufruindo de todos os benefícios e riquezas decorrentes do mesmo. "E ao participar da essência de Deus, o cristão torna-se também um participante dos atributos dessa essência".⁴⁶

"Todas as obras precisam originar-se da fé, mas a fé em si não é obra. A fé também é mais que a simples soma das boas obras. [...] *As obras são a auto-realização da fé.* [...] Da fé decorre a experiência, a qual novamente desemboca na fé".⁴⁷ Neste estado de unidade com o que é divino, abastecido em sua necessidade humana de amar e ser amado, o ser

⁴³ WATSON, 2005, p. 67.

⁴⁴ MANNERMAA, Tuomo. *Christ present in Faith: Luther's view of justification*. Minneapolis: Fortress Press, 2005. p. 8.

⁴⁵ "Christ is not only the favor (*favor*) of God, that is, forgiveness, but also, in a real manner, a 'gift' (*donum*)". MANNERMAA, 2005, p. 19.

⁴⁶ "And when participating in God's essence, the Christian also becomes a partaker of the attributes of this essence". MANNERMAA, 2005, p. 21.

⁴⁷ LOEWENICH, 1988, p. 95-6.

humano pode comungar com Deus livremente, num estado de plena comunhão com seu Senhor. A fé, que continuamente foi testada e lapidada segundo o querer do próprio Deus, o levou a este estado de reconhecimento da plenitude divina em si. Não só a fé, que é o caminho de retorno e encontro com Deus, mas também a prática do amor eleva este ser caído, que passa a ajudar outros semelhantes, seres abandonados de si mesmos que tateiam no escuro a procura de algo que lhes alivie a solidão gerada pelo ego e lhes mostre o caminho do amor de Deus por eles.

A prática do amor é a única exigência da lei pregada por Cristo, pois quem ama não transgredirá jamais a lei através deste ato de misericórdia voltado para outro ser. A lei exige apenas ser cumprida por um coração purificado de egoísmo, pela vontade alegre e disposta de servir a Deus, indiferente a qualquer pensamento de castigo ou recompensa. Renovar este pacto com Deus é o ato daquele ser que entendeu que viver sob a punição da lei o desaloja da imaturidade em querer desistir, morrer, revoltar-se ou gritar contra uma autoridade. Aprendeu a receber de Deus a ordem da não agressão à sua vida e à do próximo, através de limites dados também pela sociedade, que estipula suas regras. Um extremo é viver a punição da lei por ser avesso ao amor, outro é tentar tornar-se um cumpridor pela vanglória do reconhecimento humano.

Muito além de dignidade, Deus oferece unidade reconciliatória com seu próprio ser, o ente divino. Aprender a sublimar o egocentrismo na religião é um gesto de constante e eterna entrega através da fé para aquele que é maior que si mesmo. Entrementes o desejo por vanglória e a ilusão da conquista de mérito diante de Deus não podem prevalecer, muito menos fundamentar uma tentativa de religiosidade com um Deus que é humanizado para atender as necessidades e prestar apenas assistencialismo ao pequeno ego humano. Reconhecer a pequenez, assim como Jesus fazia, é o caminho para dar liberdade para Deus ser Deus na vida das pessoas. “Cristo é base e conteúdo da fé. [...] Portanto não podemos apresentar-nos a Deus ‘exclusivamente pela fé’. Antes a fé principia por Cristo. [...] Não é possível separar fé e Cristo”.⁴⁸ Ele é o fundamento que torna a fé uma realidade e que possibilita a divinização mediante seus próprios atributos.

A divindade de Deus se encontra oculta justamente na humanidade de Cristo. Lutero afirma isso para colocar ênfase naquilo que é desagradável de reconhecer, pois a humanidade prefere muito mais unir-se a Deus para usufruir do seu poder (vivendo a ilusão da magnitude de Deus enquanto posse) do que com a humildade e seu sofrimento transformado em cruz. Sua vitória consiste na superação da vida sobre a morte através da ação pacífica e não agressiva de Jesus em simplesmente ser filho de Deus, sem coroa, sem revolta contra a humanidade, apenas cumprindo o destino que o Pai lhe conferiu. Ultrapassa a compreensão humana tudo que se vive até chegar na humildade, amor e entrega de Jesus. O desafio é viver o amor, viver a entrega e servir a Deus em humildade,

⁴⁸ LOEWENICH, 1988, p. 100.

mas jamais dar-se o direito de se compreender muito mais do que um simples servo nas mãos do Criador, que o molda segundo a sua vontade criadora em profundo respeito com a sua identidade, história, entaves e potencialidades.

Importa igualmente ressaltar que errar é natural, reconhecido por Deus como uma constante na vida humana; seu desejo por poder e queda não é uma experiência nova para Deus, que há muito o acompanha na sua jornada de retorno. Ficar neste estado de revolta ou incapacidade é prejudicial apenas para ele, que opta por estagnar em sua entrega, mas que nem isso lhe foi permitido controlar. Nada para no universo, tudo é movimento. Deus não condena ninguém, é o próprio ser humano que se coloca neste estado de afastamento para então ser resgatado por graça, permitindo que a luz se faça presente na sua vida novamente. Sair da caverna (escuridão pessoal, limitações) é sempre uma opção corajosa para quem se deixou iludir e agora quer enfrentar o desafio de sair do escuro e ir para a luz. Obedecendo ou não, desejando ou não, sendo punido ou agraciado, conivente ou inconivente, tudo retorna para Deus, o todo-poderoso, para o cumprimento de sua palavra, que não volta para ele vazia.

Executar a lei é impossível ao ser humano que possui seus próprios desejos e que não segue, mesmo que com a vontade conivente com sua razão, tudo que Deus ordena. “Com sua *sola fide, sola gratia*, [Lutero] procurou libertar os homens de suas esperanças e temores egocêntricos, não para que se regalassem a si mesmos, mas para que voluntariamente se devotassem somente a glória de Deus”.⁴⁹ Assim sendo, a vontade de Deus é que o ser humano se disponha tão somente como um instrumento que leva a sua vida de forma simples e natural, seguindo a proposta do amor e dando seguimento à fé que o aproxima cada dia mais do Deus que o agracia, perdoa e também diviniza.

A prática da compaixão pode ser compreendida como o bem que o ser humano faz, e este bem é justamente o oposto da prática do egoísmo, que busca alcançar o bem-estar de forma desonesta ou rápida, mas sem levar o bem coletivo em conta. Viver a fé transforma o ser humano em alguém melhor diante dos olhos divinos, pois é alguém que está constantemente atento para a instrução divina acima da sua vontade natural. Viver a fé num ato de abertura é ter a vida transformada por Deus e não simplesmente transformar a sua segundo seus propósitos egoístas e ambiciosos. Transformar a experiência religiosa apenas através da intenção em fazer o bem estaria limitando o poder da fé para fazer o que o ser humano acha certo e não através do reconhecimento que é Deus que provê a capacidade para obrar de forma espontânea e desinteressada.

⁴⁹ WATSON, 2005, p. 95.

Considerações finais

A necessidade humana, portanto, impele a pessoa a procurar um bem que a satisfaça e Lutero compreende Deus como este “bem supremo”, a única fonte que poderá satisfazer a sua necessidade mais profunda. Ter Deus como objeto único de desejo satisfaz todos os demais “unicamente por amor a Ele”. Para Lutero, a mera menção do mérito humano diante Deus seria considerar que ele pode algo e isso é blasfêmia. O ser humano deve a Deus, sua essência original (considerando que a sidérese ou centelha divina seja verdadeira, no entanto incompleta para oferecer algum ato de bondade a Deus que salve o ser humano), um gesto de retorno (pois caiu em sua essência divina), no entanto é incapaz.

Mesmo que cumprisse perfeitamente todos os seus mandamentos, ainda assim só poderia reconhecer que foi um servo inútil, porque fez apenas o que deveria fazer (Lc 17.10). “Como ousaríamos então permutar nossos ‘méritos’ com o favor de Deus, ‘como se ele fosse um pechincheiro?’ Isso é roubar a Deus sua glória, negar que ele é Deus”.⁵⁰ Não existe nada, portanto, que a força humana possa fazer para merecer a misericórdia divina, que é gratuita. Cabe a ele apenas reconhecer que Deus é maior que si mesmo e deixar que Ele atue através de si num gesto de profunda gratidão e comunhão com aquele que é mais alto que ele.

Reconhecer que é de Deus que se recebe a ajuda e que é dele que procede todo bem é reconhecer que acima de si existe um bem maior que pode guiar a humanidade e fazer dela mais elevada, compassiva e misericordiosa. O ser que consegue viver com fé e reconhecer a atuação da mão divina sobre si é um ser que aprendeu a superar o sofrimento e o egoísmo através da entrega, doação e prática do amor. Este é o ser mais gratificado, pois carrega no seu peito o verdadeiro tesouro: a fé ativa. Pode-se afirmar, portanto que, através da fé Deus habita no crente, atuando para que esta unidade aumente, bem como, para que seus atributos divinos se façam reais através de seus atos. Este ser santificado e divinizado por Cristo doa-se naturalmente (de fé em fé), pois não consegue deixar de amar.

[Recebido em: outubro de 2012

Aceito em: abril de 2013]

⁵⁰ WATSON, 2005, p. 93.